

PSICANÁLISE E NEUTRALIDADE: A TRANSFERÊNCIA E A PROMESSA DE FELICIDADE

| ALÍRIO DANTAS JR.¹

RESUMO

O autor busca refletir sobre o conceito de neutralidade dentro da teoria e da prática psicanalíticas, correlacionando-o com a transferência. Ele defende que exista nas mentes de todo psicanalista e de todo analisando, uma promessa inalcançável de felicidade. Na medida em que esta se frustra, um sentimento de angústia emerge no setting analítico como reflexo da incompletude natural do ser humano. Ele defende que a neutralidade do analista deve assegurar que esta incompletude seja compartilhada, assegurando que as representações recalçadas se mostrem através da angústia que geram. É através desta emergência que se abre caminho para que novas representações, mais plásticas e flexíveis, possam ser construídas.

Palavras-chave: Neutralidade. Transferência. Experiência emocional. Angústia. Setting analítico. Felicidade. Incompletude. Recalque. Retorno do recalçado.

ABSTRACT

The author tries to reflect on the concept of neutrality within the theory and the practice of psychoanalysis, correlating it with the transference. He defends that on every psychoanalyst and every patient's minds, exists an unreachable promise of happiness. As this promise gets frustrated, anguish emerges on the analytical setting as a reflex of a natural incompleteness of the human being. He emphasizes that the psychoanalyst's neutrality must make sure that this incompleteness to be shared, forcing the repressed representations to show themselves through the anguish they generate. This should allow the path to be open for new representations, more flexible, might be made.

Keywords: Neutrality. Transference. Emotional experience. Anxiety. Analytical setting. Happiness. Incompleteness. Repression. Breakthrough of the repressed.

¹ Psicanalista. Presidente, membro titular e didata da Sociedade Psicanalítica do Recife e membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

A concepção de que a análise prometa um estado de felicidade está presente em cada analista e em cada analisando. Mas esta presença está associada ao universo infantil, dominado por fantasias onipotentes. Esta promessa não pode, por conta desta associação, promover satisfação, alívio, ou crescimento. Ela é na verdade a morte do desejo e o berço do sofrimento. Nela, a pessoa encontra na fantasia de castração a única explicação para sua frustração.

Fora deste universo mitológico a satisfação depende de um intenso trabalho psíquico que possa mediar as relações entre as fontes do desejo e seus eventuais objetos. A frustração deverá ser uma característica deste trabalho porque aquilo a que chamamos de felicidade é resultado de uma satisfação fortuita e não seria possível de ser experimentada senão de forma episódica (Freud, 1930). A frustração e o sofrimento estarão presentes dentro do trabalho analítico como uma consequência do desencontro entre as expectativas do analisando e a nossa incapacidade para atender, eficazmente, as suas demandas. Este sofrimento impulsiona o trabalho psíquico na direção de ressignificar suas representações, ampliando a sua independência de um objeto específico.

Eu não creio, efetivamente, que alguma opção se apresente disponível à nossa escolha. A frustração haverá de se impor na relação analítica proveniente de duas fontes inevitáveis: de um lado, é da natureza do desejo inconsciente que ele encontre uma resposta incompleta e incapaz de contornar seu destino funesto que é a castração. De outro lado, agindo de forma complementar, estas demandas não podem ser respondidas pelo analista. Antes elas o farão mirar – em alguns casos com sofrimento – os limites de sua própria incompletude.

ABSTINÊNCIA E NEUTRALIDADE: O SOFRIMENTO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A técnica analítica exige que seja negado ao paciente a satisfação que ele reivindica. Nas palavras de Freud (1915), o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência. Com isto ele não enfatiza apenas a abstinência física, nem tão pouco sugere a privação de tudo o que o paciente deseja. Ele estabelece como princípio fundamental a recomendação para que o analista se abstenha de satisfazer diretamente aos investimentos pulsionais. Deste modo ele pode permitir que o desejo continue atuante, servindo como força motora que o incitem a trabalhar e

efetuar mudanças. Diz Freud (1915), ainda, que aquilo o que poderíamos oferecer nunca seria mais que um substituto, pois a natureza do desejo é tal que, até que as repressões sejam removidas, ele é incapaz de alcançar satisfação real.

Com relação a este dilema entre a satisfação imediata e o estímulo ao pensar, eu creio que nossa tarefa pende claramente para o estímulo ao trabalho psíquico. Entretanto é preciso que o desejo do paciente não seja repellido como indesejável, porque este desejo é uma comunicação essencial no campo da transferência. Indesejável é o analista ceder à tentação de oferecer-se como objeto bom e realmente capaz de responder aos anseios do analisando. Neste mesmo artigo Freud (1915) diz: “É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio do paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real”.

A clínica atual parece fazer-nos mais suscetíveis a esta tentação benevolente. Explicamos nossa disposição a abandonar a regra da abstinência por várias considerações diferentes. Elas envolvem as circunstâncias da ‘cultura da imagem’ onde a demanda por gratificação seria imperiosa; articulam-se com as necessidades de pacientes muito regredidos que não poderiam suportar doses maiores de frustração efetiva; e perpassam a necessidade de ‘maternagem’ de certos pacientes, que seria instrumento de preservar a relação analítica de ataques primitivos. Sobretudo nestas circunstâncias mais delicadas devemos lembrar que o analisando procura as suas satisfações substitutivas, sobretudo em seu relacionamento transferencial com o analista; e pode até mesmo tentar compensar-se, por esse meio, de todas as outras privações que lhe foram impostas. Qualquer analista que, talvez pela grandeza do seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber de outro, comete um sério erro. Ao fazê-lo, não conseguirá dar-lhe mais força para enfrentar a vida e mais capacidade para levar a cabo as suas verdadeiras incumbências nela (Freud, 1919).

Na psicanálise, a angústia é causa do sintoma e testemunha de um desequilíbrio econômico da mente. Ela reflete o profundo desconforto determinado pelo conflito intrapsíquico. A fonte pulsional indesejável, sempre inconsciente, impõe ao sujeito

um inevitável conflito entre a satisfação deste impulso – a obtenção direta do prazer – e a preservação de sua integridade psíquica, ameaçada pelas consequências fantasmáticas desta satisfação. É muito consistente, na psicanálise, a noção que o excesso de energia pulsional tenha um caráter ameaçador e aflitivo. As defesas psíquicas, das quais os sintomas são a expressão mais violenta, constituem-se para aplacar o sofrimento determinado pelo conflito intrapsíquico. A angústia, desta forma, aponta na direção de um perigo ou ameaça intrapsíquicos, sugerindo um estado “traumático” de desequilíbrio interno.

O sofrimento psíquico é um acontecimento natural na vida de todas as pessoas. Todos nós sentimos angústia e estamos em boa posição de sintonizar com a emoção vivida pelo paciente, quando não for através de uma compreensão mais reflexiva, será por meio de uma compreensão empática. A empatia nos permite utilizar nosso próprio mundo interno para compreender o significado do desconforto do outro, e nós usamos esta empatia – a contratransferência – como um instrumento para compreender o seu contexto, seus motivos e seus desdobramentos. A angústia é uma experiência universal e geradora de significados. Esta concepção da angústia como geradora de significados psíquicos vem mostrar-se decisiva na determinação do seu manejo clínico. Ela deve ser considerada como um afeto que vincula uma experiência emocional, ligando a sua fonte e a sua representação psíquica.

Para um psicanalista a angústia é uma força capaz de indicar a direção e o rumo da análise, e em particular das suas interpretações.

De acordo com Bion (1970[1973]), quando uma falta se apresenta ao indivíduo pode provocar nele dor e frustração. Quando a pessoa pode tolerar esta dor e esta frustração (ou quando elas sejam toleráveis a elas) esta ‘coisa’ que falta, e que produz a dor e a frustração, poderá vincular-se a um nome, de modo a poder ser utilizada mais tarde e a ter o seu significado investigado.

No curso de uma análise, o progresso alcança-se pela proximidade da experiência vivida, de modo a alcançar um contato com a natureza do sofrimento psíquico.

O conceito de ‘para-excitação’ reflete uma função mental essencial para a discriminação das experiências psíquicas. Esta função é exercida através do

desenvolvimento da capacidade de tolerar a excitação e em sua presença viva poder investigar o seu significado, discriminando a natureza das experiências dolorosas. Quando esta função se encontra prejudicada, ou ausente, a excitação é forçada a buscar um significado e uma resposta que seriam essencialmente concretas. Esta perspectiva tem sido ilustrada, largamente, através de um número considerável de estruturas clínicas, desempenhando algum papel nos processos somatizantes, nos alexitímicos, nos comportamentos aditivos, nas organizações patológicas, nos casos limites, entre outros. Eu estou certo que uma das tarefas do ofício de um analista é contribuir para o desenvolvimento desta função. Frequentemente, para alcançar este propósito, ele próprio deve desempenhá-la.

Neste sentido, é importante, como disse Bion (1963) que a experiência analítica amplie a capacidade do paciente para o sofrimento, mesmo quando o paciente e o analista possam esperar diminuir a dor em si mesma².

O DESEJO E A (IN)SATISFAÇÃO IMEDIATA

Eu não acredito que tentativa de satisfazer diretamente as demandas dos analisandos seja possível. Mais para além desta impossibilidade, eu tão pouco acredito que esta tentativa pudesse ser desejável, independente do nível de regressão psíquica vivida pelo analisando. A satisfação imediata provocaria um enfraquecimento do trabalho de elaboração psíquica e comprometeria a independência desejável do paciente. Quando muito, serviria para mitificar o analista idealizado, e, em alguns casos, alimentar seu frágil narcisismo.

A ANGÚSTIA E A SIGNIFICAÇÃO DO DESEJO

O investimento pulsional produz um inevitável desequilíbrio, que se impõe à alma na medida em que a excitação causada pelo investimento revela a descontinuidade

² Em Bion (1963, p. 62) apud Joseph (1981, p. 95): “for the analytic experience to increase the patient’s capacity for suffering even though the patient and the analyst may hope to decrease pain itself” - Em português: “para que a experiência analítica amplie a capacidade do paciente para o sofrimento ainda que o paciente e o analista possam esperar diminuir a dor em si mesma” (Bion, 1963, apud Joseph, 1981, p. 104).

que existe entre a fonte da excitação e o seu objeto. A única resposta possível a esta tensão depende da capacidade de transformação da fonte pulsional em elementos psíquicos (Bion, 1963[1977]), criando uma contínua ampliação do universo subjetivo.

Bion (1970[1973]) considerava que uma pessoa, ao sofrer uma dor psíquica causada pela frustração, utiliza uma palavra para dar significado à ‘coisa que falta’. Esta atribuição de significado permite que o sofrimento seja tolerado, e que a experiência emocional dolorosa seja internalizada e possa contribuir para a expansão do universo mental.

A tensão provocada pela excitação dos estímulos internos repercute como ‘desprazer’, e apenas a sua descarga é experimentada como ‘prazer’. Talvez seja importante esclarecer que não existe uma correlação direta entre os termos do ‘princípio do prazer’ com as noções de ‘satisfação’ e de ‘insatisfação’. Os princípios reguladores, prazer e desprazer, estão vinculados à percepção dos estados de equilíbrio e desequilíbrio, derivados das tensões intrapsíquicas.

Em um interessante trabalho Elias Rocha Barros (2000) reflete sobre a importância da transformação destas forças internas em símbolos, abrindo a possibilidade de ampliação do desenvolvimento emocional. Acredito que se o afeto não mostra a face dos representantes recalçados, ou das fantasias inconscientes, tem um papel relevante em torná-lo legível³.

Dentro da experiência clínica, a propriedade que os afetos possuem de conferir tonalidades distintas às experiências emocionais, parece conduzi-los para o centro mesmo do processo analítico, revalorizando-os. Este é o sentido do discurso vivo, título que Green (1973) deu a seu livro revolucionário. Em seus ‘Estudos sobre a histeria’ Freud (1895[1893]) já havia afirmado que a idéia, quando é colorida pelo afeto, emerge na consciência clara e vividamente.

³ Na realidade estou parafraseando o pintor Paul Klee, citado por Rocha Barros, que diz : “a arte não mostra o visível: torna-o legível”.

TRANSFERÊNCIA: FRUSTRAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO ANALÍTICO

Por muito tempo a neutralidade foi uma concepção definida pela ausência de sentimentos e fantasias dentro do analista e por sua exclusão da organização transferencial. Mas a noção de neutralidade alcançou maior complexidade, incluindo o analista nesta organização e integrando nela seus sentimentos e fantasias, que são considerados valiosos meios de apreensão da realidade psíquica. Do ponto de vista do manejo clínico, a neutralidade se fundamenta na abstinência. A ausência de resposta direta ao investimento transferencial e contratransferencial, permite a reprodução do processo onde a tensão pulsional torna-se geradora de experiências emocionais. Este processo parece ser essencial à possibilidade de que possam ser atribuídos significados mentais a estas experiências. Esta abstinência é necessária ao trabalho de elaboração analítica.

Quando o analisando empreende a sua narrativa ele busca encontrar significado e sentido para as emoções que percebe sentir, para as fantasias que perpassam sua vida e para as inibições e sintomas. O diálogo analítico é construído na busca de uma expressão significativa e de uma compreensão capazes de organizar a massa de suas experiências. Acredito que o setting analítico é o lugar apropriado para a elaboração das várias formas de transferência (Green & Kernberg, 2000). E que a função primordial deste setting é prover condições apropriadas para seu manejo clínico.

O processo transferencial é muito dinâmico por causa das variações qualitativas e quantitativas dos afetos. Ela desenvolve-se sob uma dúplici forma de resistência à recordação da experiência Inconsciente. E simultaneamente como um meio expressivo desta experiência emocional sob a forma de sentimentos transferenciais, suas atuações – acting in ou acting out. Às vezes ocorrem organizações transferenciais mais complexas, com forte envolvimento da contra-

transferência, onde o analista pode também sentir estas fortes emoções intensas, vivenciar experiências e fantasias por força delas.

Os afetos que se desenvolvem associados às fantasias inconscientes conferem a estas fantasias um sentido dinâmico e vivo; eles dão colorido às experiências intrapsíquicas, tornando-as carregadas de significado emocional. Porque durante o curso de uma análise, as representações psíquicas não são apresentadas “desencarnadas”, separadas da pessoa que as produz e das emoções que suscita nesta pessoa. No curso de um processo analítico, o discurso existe apenas através de uma relação. Esta é a utilidade da transferência e é a sua própria substância.

A tonalidade afetiva da transferência permite observar as múltiplas identificações e possibilita as eventuais oscilações dos fatores que influem no processo analítico. É por ela que o analista pode considerar a contratransferência (Hernandez, 1998).

O analista não é a causa do desejo e nem a causa da experiência emocional que está sendo revivida e ressignificada. Ele é uma ocasião para que estes processos ganhem expressividade. Os sentimentos vividos em relação ao analista, de amor ou de ódio, não são mais ou menos genuínos que em outros lugares. Sua diferença é que estão a serviço de ajudar na elaboração dos desejos e das fantasias inconscientes. A presença do analista é, para a transferência, o que um resto diurno é para a elaboração do sonho: um enquadramento que permite, pela condensação e pelo deslocamento, que o desejo se revele.

As palavras que compõem a narrativa dos analisandos servem para expressar os significados que são atribuídos às experiências vividas pela alma, desde uma perspectiva intrapsíquica. A alma não se experimenta a si mesma, senão por meio de emoções. “O significado é função do amor, do ódio ou do conhecimento de si mesmo” (Bion, 1965, p. 73)

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1965[1991]). *Transformações*. Imago Editora, 1991.
- Bion, W. (1963[1991]). *Elementos de psicanálise*. Imago Editora, 1991.
- Bion, W. (1963). Elements of Psychoanalysis apud Joseph, B. (1981[1989]). Towards the experience of psychic pain. In *Psychic Equilibrium and Psychic Change - selected papers of Betty Joseph*, Routledge, 1989.
- Bion, W. (1970[1973]). *Atenção e interpretação*. Imago Editora, 1973.
- Freud, S. (1895[1893] /1976). *Estudos sobre a histeria*. In: Obras psicológicas completas, vol. II, Imago Editora.
- Freud, S. (1915/1976). *Observações sobre o amor transferencial*. In: Obras psicológicas completas, vol. XII, Imago Editora.
- Freud, S. (1919/1976). *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. In: Obras psicológicas completas, vol. XVII, Imago Editora.
- Freud, S., (1930/1976). *O mal-estar na civilização*. In: Obras psicológicas completas, vol. XXI, Imago Editora.
- Green, A. (1973). *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Editora Francisco Alves.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. e Kernberg, O. (2000). *L'avenir d'une désillusion*, PUF.
- Hernández, M. (1998). *Afeto, linguagem, comunicação: os fios soltos*. Rev. Brasil. de Psican., vol. 32, nº 3, 1998.
- Rocha Barros, E. M. (2000). Comunicação pessoal.